

TEORIA DO FANTASMA: O PODER DO ARTISTA NA (RE)DEFINIÇÃO DA REALIDADE

PHANTOM THEORY: THE POWER
OF THE ARTIST IN (RE)DEFINING REALITY

*Maria Leonor Camarinha Parada de Figueiredo*¹

“The artist alone sees spirits. But after he has told
of their appearing to him, everybody sees them.”
(JOHANN GOETHE)

Resenha do livro:

GUERREIRO, Fernando. *Teoria do Fantasma*. Lisboa: Mariposa Azul, 2011.

Em *Teoria do Fantasma*, Fernando Guerreiro introduz uma exposição teórica intitulada “Literatura Fantástica” seguida de um longo poema que dá corpo e prolonga a teoria, designado exactamente “Teoria do Fantasma”. Ambas as partes estão em íntima ligação na introdução de questões importantes – como a virtualidade da imagem e a criação de uma *realidade* caracterizada pela impossibilidade da sua realização – que contribuem para a construção não só de uma teoria literária mas mesmo de uma mundividência. Reflectiremos daqui em diante sobre algumas dessas questões, procurando compreender porque a dimensão fantasmática teorizada parece ter o poder de gerar novas realidades.

LITERATURA: UM CAMPO LAVRADO PELA MORTE

Fernando Guerreiro apresenta-nos a própria vida como um decalque da morte já presente na literatura, sendo que a escrita está sempre relacionada com uma experiência imaginária que o autor designa como sendo uma antecipação da morte – “Não se escreve sempre de um campo já lavrado pela morte? Um cemitério de sonhos, a literatura?” (GUERREIRO, 2011, p. 10). A morte é-nos sempre apresentada como uma experiência de limites, como uma confrontação com o limite máximo, aliás, com

¹ Mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes pela Universidade do Porto (2014).
leo.cpfigueiredo@gmail.com

um limite que, na impossibilidade de ir mais além, se excede sempre a si próprio (“há sempre mais na morte do que o próprio conceito admite”). Mas porque quem escreve é em si próprio um cultor de uma literatura da morte? Exactamente porque, se a morte vai além de si própria, o prolongamento do que escrevermos também vai sempre inevitavelmente além dos nossos próprios limites corpóreos de vida, de espaço e de tempo. A literatura é um campo lavrado pela morte porque necessita dela para se movimentar, para se metamorfosear, para ir além do que é possível em vida, e nesse sentido poder-se-á dizer que toda a literatura é sobre morte, mesmo que tematicamente não a refira – “descobrir que a morte – o frente a/frente com um morto – podia constituir/ matéria suficiente de literatura” (GUERREIRO, 2011, p. 43). É nesse sentido que a morte surge como uma perpetuação da vida, como algo vazio e que por isso mesmo permite o salto para algo mais. Segundo o autor, todos somos réplicas num espaço sem tempo definido, onde se cruzam mortos e vivos, e cujos fantasmas, no sentido em que são decalques do real, produzem repetições desse real sem que haja memória disso. Ao contrário de nós, se nas conhecidas histórias de fantasmas estes não estão possibilitados de ver o seu reflexo é porque faz parte da sua natureza não terem com que reflectir-se, a sua imagem ser exactamente o nada, o vazio que faz com que diante de um espelho estes não se confrontem com mais do que a sua não existência, a sua impossibilidade de existir. Nesse sentido, é necessária a alucinação para ver alguma coisa nesse “espelho opaco, cheio de lama” que é a morte. É assim também com a poesia, e é sobre isso que teoriza Fernando Guerreiro, falando de espectro, de evocação, de aparição de um fantasma que não é necessariamente o fantasma que vive na casa e no cemitério, mas o que (não) existe na literatura (também no cinema), que sai dela, entra nela, que a gera e é gerado por ela, num vai e vêm de movimentos, combinações e quebra de limites.

A APARIÇÃO DO FANTASMA

Se escrevemos sempre de um campo já lavrado pela morte, se a literatura tem o trabalho de enterrar mortos (*coveiro*) e de mexer nas ruínas, esta tem simultaneamente o trabalho de evocar fantasmas e de lhes dar movimento (*médium*). Esse fantasma, que constitui o desejo humano de infinitude, pode ser numa primeira acepção a imagem virtual gerada pela linguagem poética. Assim, se a imagem é a evocação de um morto que por sua vez traz um outro *real*, ela é ao mesmo tempo a memória e a recriação do fantasma, reflecte simultaneamente a memória do que se perdeu em algum tempo (ou antes do tempo) e a projecção da sua repetição no futuro. Essa imagem poética produzida é um fantasma porque é uma imagem virtual, espectral, cujo real se alimenta da sua própria impossibilidade de realização. Olhando para o

morto que é o corpo da linguagem, é necessário o luto de cobrir as palavras, é necessária a alucinação para atingir essa imagem fantasmática que é sempre *outra*, que é sempre fora de nós e fora da realidade palpável. E aí, como nos sonhos, onde parece não existir nada, nesse espaço que não é espaço e que não cabe nos limites da materialidade, surgem no nosso esquema mental a luz, o holograma, as três dimensões, e também nós como que morremos para nos desligarmos da linguagem. Assim, a poesia tem a capacidade e a função de produzir essa experiência onírica de *irrealidade real*, sabendo-se irrealizável (porque virtual) mas esforçando uma credibilização do fantasma – “fazer coincidir o real com o poder/evocatório – vindo de detrás, do/outro lado do sonho – das imagens” (GUERREIRO, 2011, p. 43). De facto, se a substância do fantasma é um simulacro, é real o que vemos quando assistimos ao sublime da vinda de um morto – como em filme de vampiros – na medida em que por momentos é aquela a realidade em que nos inserimos. O fantasma tem vontade dessa materialidade, de passear no limbo entre a infinitude da morte e a materialidade da vida – “O Fantasma regressa porque/tem saudades da sua vida/ enquanto corpo [...] /o que o move, o seu vício/é a fome de mortalidade” (GUERREIRO, 2011, p. 56).

Essa materialidade não é, no entanto, um espectro que projecta uma cópia do espaço e tempo em que nos movemos: uma nova realidade (ou outra parte da realidade) pode criar-se a partir do vazio de significantes sem significado e de significados sem significante. De facto, o fantasma não só é spectral como é vazio na sua virtualidade, é um real irreal e uma imagem sem imagens. A este *fantasma de esvaziamento* o autor atribui a figura do vampiro, que suga e esvazia o próprio sujeito até mesmo ele se tornar o *nada* do fantasma, mas ao mesmo tempo trazendo de volta o que resta desse processo – “[o Fantasma] regressa para assolar/a paixão e o corpo do outro/levando-o a experimentar/em vida o horror suspenso/ que caracteriza o tempo/de vida no além-túmulo” (GUERREIRO, 2011, p. 57).

Por outro lado, somos naturalmente atraídos pelo sublime do abismo, pelo horror desse vazio sobre o qual se atiram o antes e o depois. A experiência poética é, nesse sentido, comparada com o acto de subir a uma montanha: “uma prática metamórfica de alteração e produção da realidade, executada – mas não unicamente – pela imagem no risco dissociativo do risco (salto?) em que é produzida (na leitura e pela escrita)” (GUERREIRO, 2011, p. 58). Tal como na escalada de uma montanha, também a certa altura se começa a sentir a rarefação do ar na poesia, a escassez de significado entre as palavras por vezes desligadas de si, o espaçamento entre a matéria, o esburacamento, o que faz com que as palavras e o próprio real se desliguem, *flutuem*, e se constituam numa condição de liberdade no vazio. Com efeito, pode o ar ser rarefeito, podem as palavras gerar vazio, e é nessa mesma altura que estamos mais próximos de atingir novas coisas.

DESCONSTRUÇÃO PARA NOVAS REALIDADES

Se o fantasma é espectral e por isso mesmo intocável e irreal no sentido mais objetivo, não se pode negar que ele está ao mesmo tempo coberto de uma vasta dimensão de realidade. Segundo o autor, “a prova está na forma como nos afectam, como nos mudam a nós e ao mundo em que vivemos” (GUERREIRO, 2011, p. 28). Isto acontece porque, quando contactamos com um texto, estamos inevitavelmente a contactar com o seu fantasma e esse encontro proporciona em nós uma alteração. O poema é, assim, a introdução de algo estranho em nós, de algo *totalmente outro*, que profundamente nos modifica e reestrutura, nos eleva a uma realidade nova, e que nos leva, traz ou põe ao reencontro de uma outra parte de nós original, evocada pelo texto, mas já latente fora do tempo. Assim, a poesia que parece desligada de si e do mundo, que se faz e insiste de *nada*, que produz e projecta espectros, é desligada deste real porque possui a capacidade de criação de um outro – “É esse o seu poder de conversão antropológico, anunciador de uma nova realidade e natureza” (GUERREIRO, 2011, p. 31).

Falando da desconstrução do senso comum, Jacques Derrida fala de colocar em evidência ideias que, na hierarquia simbólica que existe, se encontram em segundo plano, esquecidas. Apesar de o poder e o pensamento dominante colocarem na sombra essas ideias minoritárias, gerando fantasmas, esses fantasmas existem, estão lá, são uma presença latente e pulsante para também influenciar a realidade, apesar de materialmente já não produzirem coisas novas, mesmo havendo marcas suas materiais. Um trabalho de destruição do senso comum não tem de ser feito por inversão, pela básica reversão de pôr de parte as ideias que antes estavam em evidência para lá colocar as que estavam na sombra. Trata-se, sim, de colocar em evidência várias formas de pensamento e vários projectos, admitindo a sua capacidade de, mesmo por via de aparição fantasmática, influenciar a construção de uma realidade. Lacan é que afirma (segundo a leitura de Fernando Guerreiro) que “o que foi excluído do simbólico regressa no real – ou num imaginário que se (ir)realiza” (GUERREIRO, 2011, p. 12). Ou, como nos versos de Guerreiro, “mal/escapam do nosso horizonte,/eles continuam a sua existência/em qualquer outro lado de onde/depois regressam suados e vivos/como se nunca tivessem saído/da nossa vista” (GUERREIRO, 2011, p. 37). Para isso, não é necessário que se materializem objectivamente todas essas formas e variações, mas mais que se crie a aceção de que a realidade é o que acontece e as hipóteses do que poderia acontecer, é a dita realidade material mas também os fantasmas que a assolam.

O mesmo acontece com os fantasmas gerados pela máquina da poesia, e é esta a questão principal apresentada por Fernando Guerreiro: “procurar pela

forma, a linguagem – tudo seres vivos de uma nova criação paradoxal, híbrida e impura –, fazer vir, facilitar a vinda de uma nova raça e realidade presentes futuras” (GUERREIRO, 2011, p. 14). Assim voltamos ao ponto inicial: a morte, que tem naquela realidade uma possibilidade de positivo – como se só através da morte, do vazio do abismo, se pudesse perspetivar a (im)possibilidade da Ideia, da esperança humana, dum outro absolutamente novo, como tela em branco – “reinventar o mundo a partir/de formas que a matéria/no seu fluxo salvou/das promessas do futuro” (GUERREIRO, 2011, p. 41). É também assim que acaba o capítulo teórico: explicando que, se o abismo abre um vácuo, esse vácuo é tubo de passagem para uma outra parte enterrada do real, esse morto que é preciso evocar na figura do fantasma. Desta forma, podemos considerar que toda a literatura tem a capacidade e a responsabilidade de mudar a realidade, de gerar realidade proposta: basta-lhe para isso ser um espaço livre, amplo, branco, oco, onde caiba tudo o que não cabe na realidade que aceitamos. E é este o seu maior desígnio:

Hoje só faz sentido falar de arte para a pensar como dispositivo excitador ou palco metamórfico onde se ensaia uma mutação do real e se redefine um novo projecto antropológico que passe pela cruel e metódica desagregação de todos os nossos componentes e sentidos. (GUERREIRO, 2011, p. 14)

Recebido em 23.03.2015

Aceito em 02.06.2015